



CAMPOGRAFIAS VISUAIS: VISUALIDADES EM SUTILEZAS DE OLIVA

Barbara dos Santos¹

Resumo: Compartilhamos uma experiência poética estética/estésica de uma arte-educadora e pesquisadora denominada *campografias visuais*, por meio da fotografia, considerando os aspectos que são importantes e inerentes à própria linguagem fotográfica em questão. Visa apresentar uma proposta que pode ser realizada no âmbito da aula de Arte, considerando a caminhada como método de pesquisa e construção. Apresenta-se, portanto, o conceito de *campografias visuais*, a partir de um ensaio fotográfico proposto para a aula de Arte, mas compreendendo que a imagem também se faz necessária no movimento do currículo em ação. Assim, a ideia de *campografia* é uma junção entre os termos *campo* que designa as questões relacionadas a terra e o termo *grafia*, que significa escrita, assim, *campografia* se refere à escritas relacionadas a educação do campo, mas que quando associadas a ideia de visual, remetem a compreensão de uma narrativa ou de uma história contada por meio das imagens, que podem ser fotografias, ilustrações, fragmentos ou qualquer texto imagético que se configure com característica de imagem. As *campografias visuais*, nesta perspectiva, é uma possibilidade de entendimento da educação do campo por meio de fotografias que revelam características e subjetividades de um determinado local e que podem ser apresentados ao leitor/espectador por meio de um ensaio visual, na qual o fio condutor são os elementos paisagísticos que dão autenticidade ao que é relativo ao campo. É importante salientar que o termo *campografias visuais* é uma livre criação da própria pesquisadora a partir dos vocábulos *campo* e *grafia*, que perpassam pelas escritas sobre as referências do campo. Apresenta-se, então, a caminhada fotográfica que foi realizada em uma tarde de novembro de 2022, na região do bairro dos Pires, em Limeira, SP, pela própria pesquisadora. Por meio da caminhada como método para arte/educação, procurou-se fotografar os espaços do campo, a partir da observação e das paisagens encontradas no local. As fotografias foram organizadas em cinco séries intituladas, respectivamente, **chão**, **linhas**, **esconderijo**, **elevado** e **lampejos**. Tais nomeações teve o objetivo que promover possibilidades artístico-pedagógicas na qual os alunos possam criar narrativas visuais por meio da fotografia, a partir dos objetos que são encontrados numa caminhada coletiva, por exemplo, à procura de temas específicos tendo um disparador, ou seja, uma ideia geradora que vai culminar em algo planejado ou não pensado pelo docente e os estudantes. Trata-se, então, de oferecer caminhos para quem deseja utilizar a fotografia nas diferentes disciplinas e, dessa forma, adequar o objeto de acordo com os objetivos e as metas que foram pensadas para uma determinada finalidade específica. Portanto, ao propor a ideia de uma caminhada a partir das *campografias visuais*, além do próprio movimento de fotografar, pretende-se que os estudantes tomem o campo como uma extensão do próprio corpo, na qual há visualidades que são próprias e singulares deste ambiente e que, muitas vezes, não aparecem no meio urbano ou no local em que eles vivem. O exercício de praticar *campografias visuais*

¹Mestra em Ensino de Artes pelo Instituto de Artes da UNESP. Orientadora pedagógica na Prefeitura de Campinas. Artista visual, fotógrafa, bordadeira e escritora. E-mail: b.santos01@unesp.br

vai ao encontro de reconhecer os diferentes campos que habitam em nós. Palavras e imagens evocam diferentes *chãos*. É preciso apostar nesta ideia e observar o que emerge de tudo isso. A partir da filosofia da diferença, é possível pensar em algumas maneiras de olhar para este *chão*. Os modos de agenciamento na escola são advindas dos diferentes campos de experiência, que residem, no plano de imanência, por meio dos movimentos do plano molecular coletivo, na qual os estudantes compreendem as proposituras poéticas do professor como desafios de mapear, bordar, fissurar e romper outras tessituras do processo de cartografar o cotidiano por meio da fotografia e da produção de imagens. A aposta se faz entre o jogo imagético do cotidiano e a imensidão de imagens que são capturadas nos diferentes processos de criação, a partir do ato fotográfico que permeiam os bordados, as colagens, os recortes e que são maneiras de articulação entre o fazer artístico e as potências de criação, que (des)velam as subjetividades e as singularidades que compõem a cartografia da diferença. Aposto-se, desse modo, que o pensamento cartográfico contribui para os campos da epistemologia e das teorias da educação à medida que elas compõem aberturas no extracampo, com o objetivo da escola ser o espaço da criação, por excelência. Uma criação que não busca representação, mas quer ser autêntica e transformar a realidade de quem está e permanece nela. A fotografia se configura, assim, como territórios da Arte, com a possibilidade de acessar aos rizomas e produzir narrativas inventivas. São modos de articulação das possibilidades de se pensar o tempo da criação, que não corresponde, necessariamente, a uma certa cronologia acerca dos modos de ser e estar, mas entende que o tempo pode ser travessia enquanto formas de se deixar afetar.

Palavras-chave: Acontecimento; Imagens; Palavras.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Barbara dos. **Campografias visuais**. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/barbarasantos/ensaios/campografias-visuais?authuser=0>>. Acesso em: 02 jul. 2024.

SANTOS, Barbara dos. **Gestos de criação entre imagens e palavras**: poetizar o silêncio, escrever em ruínas. 2024. 114 f. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, São Paulo, 2024. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/11449/254971>>. Acesso em: 02 jul. 2024.